

CENTRO DE ESTUDOS SOCIAIS

DICIONÁRIO DAS CRISES E DAS ALTERNATIVAS


ALMEDINA

 ces

Centro de Estudos Sociais

Dicionário das Crises e das Alternativas



DICIONÁRIO DAS CRISES E DAS ALTERNATIVAS

AUTOR

Centro de Estudos Sociais – Laboratório Associado
Universidade de Coimbra

EDITOR

EDIÇÕES ALMEDINA, S.A.
Rua Fernandes Tomás, n^{os} 76, 78 e 79
3000-167 Coimbra
Tel.: 239 851 904 · Fax: 239 851 901
www.almedina.net · editora@almedina.net

DESIGN DE CAPA

FBA

REVISÃO

Victor Ferreira

PRÉ-IMPRESSÃO

EDIÇÕES ALMEDINA, S.A.

IMPRESSÃO E ACABAMENTO

G.C. – GRÁFICA DE COIMBRA, LDA.

Palheira Assafarge, 3001-453 Coimbra

producao@graficadecoimbra.pt

Abril, 2012

DEPÓSITO LEGAL

....

Os dados e as opiniões inseridos na presente publicação são da exclusiva responsabilidade do(s) seu(s) autor(es).

Toda a reprodução desta obra, por fotocópia ou outro qualquer processo, sem prévia autorização escrita do Editor, é ilícita e passível de procedimento judicial contra o infractor.



GRUPOALMEDINA

BIBLIOTECA NACIONAL DE PORTUGAL – CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO

Centro de Estudos Sociais – Laboratório Associado

Universidade de Coimbra

DICIONÁRIO DAS CRISES E DAS ALTERNATIVAS

ISBN 978-972-40-4820-8

CDU 316

338

ignoradas, solicitando o encontro de uma solução. O teatro constituiu-se como palco para um exame intenso de problemas sociais, tirando partido da sua capacidade de dar conta da sociedade através de diálogos – daí o seu potencial para ensaiar a multivocalidade. A presença ao vivo dos atores permite ainda explorar os modos críticos pelos quais os problemas se inscrevem na materialidade dos corpos.

Situados a partir das mobilizações artísticas que se designaram como alternativas no meio teatral, encontramos uma multiplicidade de propostas: recusa do espetáculo como mero entretenimento, privilégio de modos coletivos de criação e autoria, envolvimento ativo do espetador na performance, formas radicalizadas de comentário político, dramaturgias do espaço como provocação do teatro fora dos teatros, o protagonismo a dar aos corpos e vozes de identidades e grupos excluídos de muitas “cenas sociais”, etc. Situados no lugar onde a sociologia vê o teatro, deixemos algumas pistas exploradas pelas pesquisas: a descoincidência entre público reivindicado pelos agentes artísticos e público efetivo; os públicos encontram-se em constante recomposição e a sua experiência teatral surge como um modo de viver a tensão entre o individual e o coletivo; a produção teatral tem conhecido diferentes pressões no quadro competitivo com outras formas de espetáculo; a retração e a desarticulação do apoio estatal às artes agudizam o cenário de crise para quem deseja experimentar as alternativas que recusam o mero novo formato.

André Brito Correia

Teoria crítica

Nascida nos anos 1930, a teoria crítica consolidou uma perspetiva sobre a sociedade e sobre a produção de conhecimento cujo impacto, mormente nas ciências sociais e nas humanidades, perdura até hoje. A teoria crítica teve origem na “Escola de Frankfurt” (uma escola de pensamento associada ao Instituto para a Investigação Social de Frankfurt, criado em 1923). A leitura crítica proposta por esta Escola, celeberramente sintetizada por Max Horkheimer, preconizava a necessidade de uma ciência que, ao invés de se limitar a descrever a sociedade, estabelecesse um compromisso com um projeto de transformação social a bem da emancipação humana. Assim, no quadro de uma perspetiva que definia a objetividade do conhecimento pela assunção do lugar situado do investigador, perspetivava-se uma transformação

global da sociedade que permitisse superar um *statu quo* marcado por condições de dominação. Tendo em Karl Marx a sua principal referência, a teoria crítica entreviu na alternativa marxista ao capitalismo a pedra de toque de uma tal transformação, ao mesmo tempo que desenvolvia uma leitura do marxismo oposta à vulgata soviética.

O legado da teoria crítica é, no mínimo, paradoxal. Por um lado, a falência de uma teoria geral da transformação social, então corporizada no marxismo, viria a deixar órfão o pensamento crítico desejoso de horizontes de alternativa. Por outro lado, o apelo a um conhecimento comprometido marca decisivamente o emergir de uma teoria social crítica; não mais fundada em universalismos dualistas, mas capaz de visibilizar faces da dominação longamente negligenciadas: o racismo, o patriarcado, o colonialismo eurocêntrico, a subjugação das pessoas com deficiência, etc.

No atual cenário de crise, a teoria social crítica vive tremendos desafios: apresentar propostas que não se limitem à defesa do *statu quo* ante a voracidade do capitalismo predatório; estabelecer traduções fecundas entre as diferentes formas de resistir à dominação capitalista no mundo; combater o silenciamento das faces da dominação secundarizadas pelo discurso economicista; e, finalmente, opor-se a lógicas de investimento na ciência que, premiando saberes submissos à ordem vigente, aniquilam a teoria empenhada na busca de alternativas.

Bruno Sena Martins

Terceiro setor

O terceiro setor é povoado por organizações, princípios, relações sociais, valores e racionalidades frequentemente não associados ao Estado, ao mercado ou às relações na esfera familiar e de vizinhança. Pertencem a este espaço vários tipos de organizações de caráter não lucrativo ou sem fins de lucro que atuam nas áreas da solidariedade, da defesa de direitos e de interesses, da ajuda mútua, etc. Indica-se a solidariedade, a caridade, o altruísmo, a reciprocidade, a cooperação, a democracia, o interesse coletivo ou o interesse geral como características deste espaço e dos agentes que o povoam.

Na tradição europeia, o terceiro setor é frequentemente sinónimo de economia social – associações, cooperativas e mutualidades –, ainda que nem todos concordem com a ideia de separação entre Estado, mercado e comunidade, preferindo a ideia de relações múltiplas e hibridização. Em